

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O companheiro da manhã

**Sergio Rezende Peres**  
sergiorezendeperes64@gmail.com

Acordo com ele me chamando. A claridade invade o meu quarto pelas frestas da persiana mal cerrada. Ele insiste, paciente e luminoso, até que eu me levante. Ainda entorpecido pelo sono, com a visão turva, percebo ao longe uma luz que me convoca.

O dia se mostra convidativo para uma andança. Embalado pela companhia daquela manhã, sinto o corpo despertar aos poucos e decido tomar a longa avenida que liga o Centro à orla da praia. As palmeiras imperiais adornam o percurso e conferem certa solenidade à paisagem. Por um instante, as sombras das árvores me fazem sentir sozinho; mas, ao atravessar a rua, ele reaparece mais vivo, mais intenso, com semblante renovado e vigoroso.

Ainda estou no meio do caminho. Pretendo alcançar a padaria da praça. A cada passo, porém, sinto a presença dele mais intensa, aquecendo os poucos fios que ainda me restam.

O caminho vai se encurtando. Já posso sentir o cheiro da maresia e a aragem

que o mar sopra bairro adentro. Entro na padaria à procura de uma água fresca. Do lado de fora, ele continua me aguardando, paciente, como quem sabe que logo retornaremos a caminhada.

Na chegada, a areia cálida faz cócegas na sola dos pés, como se a praia também quisesse brincar. Meu companheiro daquela jornada me revela a vastidão do horizonte: o céu se abre azul, com nuvens alvas espalhadas aqui e ali, como pinceladas suaves sobre uma tela imensa.

Fico um tempo ali na beira do mar, ouvindo o barulho das ondas e sentindo o calor dele na pele. Naquele momento, percebo que não preciso de muita coisa: estar ali, com o mar na frente e ele comigo, já era o bastante.

No fim da tarde, meu amigo começa a se despedir sem pressa. Desce lentamente pelo céu, desaparece atrás do morro e, antes de partir, deixa sobre o mar um derradeiro brilho dourado.

Fico ali, olhando o último brilho no mar, e percebo que algumas despedidas não são para sempre. Elas apenas descansam por um tempo, até a manhã chegar outra vez.

Como o português chegou a Ubajara

**Gabriel Beviláqua**  
gabrielbevilaqua13@gmail.com

Para entender como a língua portuguesa chegou a Ubajara, é necessário antes compreender como chegou à Ibiapaba. Tal chegada não foi linear, mas abrupta e conflituosa. No início do século XVII, a região era ocupada por povos indígenas diversos, dentre os quais se destacavam os Tabajaras. Em 1607, os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira chegaram à serra em missão de evangelização. Apesar da boa recepção tabajara, o primeiro foi morto em 1608 pelos índios Tacarijus, hostis aos portugueses, enquanto o segundo refugiou-se por entre as matas.

No fim do século XVII, segundo a documentação jesuítica, os Tabajaras falavam uma língua derivada do tupi. A aldeia de Nossa Senhora da Assunção, consolidada a partir de 1700, tornou-se importante núcleo missionário, promovendo intenso contato dos Tabajaras com a cultura portuguesa. Em 1757, o

Diretório dos Índios, política pombalina destinada a ampliar o domínio português nas povoações indígenas, intensificou esse contato. Em 1759, a aldeia foi elevada a Vila Viçosa Real, abrangendo territórios dos atuais municípios da Ibiapaba, incluindo Ubajara.

Ubajara surgiu de um arraial criado em 1740 para a extração de minérios na região da Gruta. Posteriormente, parte da região do arraial tornou-se o chamado Povoado do Jacaré, depois distrito de Ibiapina e, em 1915, município independente, chamado Ubajara, nome adotado desde 1903.

Assim, a incorporação do português à Ibiapaba e a Ubajara não ocorreu de repente, mas resultou de séculos de contato entre indígenas e europeus. Houve influência mútua: além de os nativos absorverem elementos da cultura portuguesa, o português incorporou terminologias indígenas que permanecem até hoje, como nos próprios nomes Ibiapaba e Ubajara, de origem tupi e tradicionalmente interpretados como “terra fendida” e “senhor da canoa”, respectivamente.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

E o ano continua!

**Benevides Machado de Carvalho**  
Agrônomo

Julho, primeiro mês, do semestre dois  
Período de férias escolares  
O sertanejo, com seu baião de dois  
Coloca em sua dieta, o de mais popular.

Com a safra em amadurecimento  
Cuscuz de milho, às refeições, enfeitando  
Os rios, com suas águas, em abaixamento  
Indicando assim, o inverno findando.

O semblante ambiental  
Toma nova formação  
No Nordeste, nada se tem igual  
Com o turismo, em crescente ação.

É o mês, em que as colheitas  
Começam a se processarem  
O nordestino, em novas receitas  
Abastecendo, o seu armazém.

No ano, dois mil e vinte seis, bom julho!  
Para o Nordeste, foi deveras, agradável  
Agricultores, cheios de orgulho  
Com os familiares, no formidável.

Os forrós, na área rural  
Aumentam em incidência  
De norte a sul, no provincial  
Recordando antigas vivências.

Neste momento, de grandes lembranças  
De quando eu! Criança e adolescente!  
Na visível pobreza, porém, cheio de esperanças  
Desde os tempos de outrora, ao instante, presente.

O mês de julho, ao fim, chegou!  
Ainda chovendo em Fortaleza  
A seleção brasileira, só decepção, gerou  
Deixando, nós outros, em franca tristeza.

No Nordeste, nada se tem igual com o turismo, em crescente ação”

CARLUS CAMPOS



A imagem

**Luana da Silva Lima**  
Membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**, Arte Educadora no Museu da Fotografia Fortaleza

Uma imagem... O que ela é?  
De onde vem?  
Até onde vai?  
Por que tantos a querem?  
Será que ela é real?  
A imagem que guarda do ABC a Colação de Grau, será que é ainda uma realidade comum?  
Onde estão as imagens que guardavam momentos únicos? Que carregávamos em carteiras? Que fazíamos questão de emoldurar na sala de casa? Que unimos em um álbum para mostrar às visitas? Por onde estão?  
Em uma nuvem passageira? Em um dispositivo móvel? Na rede?  
Quantas são vistas de verdade? Será que são lembradas ou ficam acumuladas entre milhões? Será que ainda são revisitadas? São vistas por quem realmente queremos?  
Imagem... Imagem... Imagem...

O que estamos fazendo para recordar dos parentes que se foram? Aniversários passados? Alegrias passadas? Será que a simples imagem no smartphone nós faz sentir e lembrar como faziam as impressas? Imagens, imagens, imagens... O que elas dizem hoje? Podemos confiar? Como ela está sendo lida? O que dizer sobre elas? Será que podemos confirmar nas imagens que carregam as notícias? E as que circulam na rede?  
As imagens impressas carregavam um peso maior nas lembranças e decorações, as imagens digitais trazem seus sentimentos e diferentes usos, porém, as propagações de imagens falsas trazem o peso negativo. O que nos tem impactado? Ao mesmo tempo que estamos tão repletos de imagens, estamos distantes de nos conectarmos de forma verdadeira, por que será? Estamos realmente lendo, percebendo, absorvendo ou sentindo as imagens? Como a imagem te impacta?

A maior fonte da riqueza

**Amauri Holanda de Souza**  
Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

A verdadeira fonte de toda riqueza habita a profundidade da nossa interioridade.

É a espiritualidade que nos humaniza, amplia a nossa consciência e nos faz compreender que a verdadeira grandeza não reside naquilo que possuímos, mas na transformação que realizamos em nós mesmos, tornando possível uma convivência mais digna, justa e verdadeiramente humana.

A espiritualidade nos ensina a enxergar o outro. Eleva-nos acima da pequenez humana, não para nos tornar superiores a ninguém, mas para nos libertar daquilo que verdadeiramente nos empobrece: a arrogância, a indiferença, o egoísmo e a incapacidade de reconhecer no próximo a mesma dignidade que habita em nós.

Quando a riqueza interior floresce, transforma a maneira como vivemos, trabalhamos, convivemos, servimos e amamos. Então, o valor da nossa existência deixa de ser medido pelo que acumulamos e passa a ser reconhecido pelo bem que deixamos, pela esperança que despertamos e pelas sementes de amor que espalhamos.

O maior tesouro que podemos possuir é, paradoxalmente, aquele que nenhuma riqueza material pode comprar, substituir ou representar: a riqueza construída no íntimo da alma, manifestada em fraternidade, compaixão, generosidade e amor.

Talvez a forma mais elevada de riqueza seja justamente essa disposição de servir sem medida, não como um impulso passageiro, mas como uma escolha ética, uma consciência da alteridade e um compromisso permanente com uma convivência mais justa, solidária e profundamente humana.

No fim, quando todas as aparências perderem o seu sentido e todas as posses se tornarem vazias, permanecerá apenas uma pergunta — talvez a mais decisiva de todas: E se, ao atravessarmos a última porta, descobrirmos que jamais seremos perguntados sobre o que possuímos, mas apenas sobre aquilo em que nos tornamos?

E se um mensageiro de Deus vier perscrutar a nossa existência, onde encontrará a nossa verdadeira riqueza: no patrimônio que acumulamos ou na luz que deixamos acesa na vida das pessoas?

Porque, talvez, a única riqueza capaz de sobreviver ao tempo seja aquela que se transformou em profundo amor. Quem sabe, no fim, seja essa a única riqueza que realmente importa e permanecerá viva.